

# CURIOSIDADE E CONHECIMENTO NAS AULAS DE HISTÓRIA: O DESVELAR DE UMA HISTÓRIA

## CURIOSITY AND KNOWLEDGE IN HISTORY CLASSES: THE UNVEILING OF A STORY

Daniel Valério Martins <sup>1</sup>  
Ana Paula Cavalcante Alencar da Silva <sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho é parte da dissertação de mestrado em Antropologia de IberoAmérica defendida na Universidade de Salamanca (2019), intitulada “*As armadilhas da memória: uma análise antropológica dos traços de identidade dos judeus sefarditas no Nordeste do Brasil*”. O texto traz à tona, por meio de relatos nas aulas de história, culturas e identidades que estiveram ocultas nos livros didáticos, mas presentes no cotidiano do alunado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cristãos novos; História; Antissemitismo.

**ABSTRACT:** The present work is part of the master's thesis in Anthropology of Ibero-America defended at the University of Salamanca (2019), entitled “*The traps of memory: an anthropological analysis of the identity traces of sephardi jews in the Northeast of Brazil*”. The text brings to light, through reports in history classes, cultures and identities that were hidden in textbooks, but present in the students' daily lives.

**KEYWORDS:** New-christians; History; Antisemitism.



10.23925/2176-4174.v1.2024e67080

Recebido em: 10/05/2024.

Aprovado em: 20/05/2024.

Publicado em: 06/06/2024.

<sup>1</sup> Doutorado em Antropologia (USAL). Universidad de Salamanca. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>. E-mail: [jfadelino@hotmail.com](mailto:jfadelino@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda em Antropologia (USAL). Universidad de Salamanca. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4374-9372>. E-mail: [cavalcanteap11@gmail.com](mailto:cavalcanteap11@gmail.com)

## Introdução.

Por muitas vezes quando criança ouvi adultos falarem: “Brasileiro não pode prestar, resultado da mistura do índio preguiçoso, do preto malandro e do branco criminoso, como pode dar certo?” Essa fala carregada de preconceito refletia o parco conhecimento da história do Brasil, uma história reproduzida por longas décadas nos moldes positivistas, escrita sem muitos questionamentos nos livros didáticos e ainda permanece assim, em parte significativa do que se produz para o ensino Básico.

A oferta do livro didático como produto de consumo, aqui nos referimos aos de história, movimenta o importante mercado sem, no entanto, apresentar subsídios sobre a história do Brasil e do povo brasileiro que desperte a curiosidade do discente sobre sua própria história, parecendo-lhe sempre mais interessante a história dos egípcios, dos romanos, gregos e outros povos.

Pintar essa tela com cores tão fortes pode parecer exagero para muitos, contudo os últimos acontecimentos veiculados pela mídia desde 2019 revelam o crescimento do antissemitismo no Brasil e no mundo. Manifestações públicas, planos para atacar sinagoga em Fortaleza sinalizam a perda da noção da diferença entre liberdade de expressão e intolerância ou até mesmo antissemitismo.

Antes que cheguem dias de maior intolerância e as massas ensandecidas retornem às práticas registradas nos anais da história, convém lembrar a natureza da formação étnica do Brasil, até mesmo porque não foram só judeus os perseguidos pela Inquisição, também não foram só judeus perseguidos pelo regime de Hitler, os que se recusam a conhecer a história, os que não tiveram oportunidade de estudá-la ou os que decidiram negá-la, não ficarão sob proteção em tempos de exceção.

Lembrar para não esquecer é uma estratégia inteligente de preservação dos direitos individuais e do respeito ao outro. Nesse palco educadores e cientistas sociais entre tantas outras categorias da sociedade, não podem e nem devem se calar.

É atribuída ao pastor Martim Niemöller (1892-1984) a seguinte fala:

Primeiro eles vieram buscar os socialistas, e eu fiquei calado- porque eu não era socialista. Então vieram buscar os sindicalistas, e eu fiquei calado- porque não era sindicalista. Em seguida, vieram buscar os judeus, e eu fiquei calado- porque não era judeu. Foi então que eles vieram me buscar, e já não havia mais ninguém para me defender.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2023, n. p.

Gustave Le Bon<sup>4</sup> afirma “as multidões não raciocinam, admitem ou rejeitam as ideias em bloco, não toleram nem discussão nem contradição”. As ideias de Le Bon, são de grande utilidade na compreensão do que acontece com um grupo de alunos que impedem palestrante de fazer a palestra para a qual foi convidado<sup>5</sup>. O motivo? Ser judeu. A multidão agrupa temporariamente pessoas de origens e situações diferentes, nela o indivíduo perde sua capacidade de raciocinar, nela o sujeito faz aquilo que não faria sozinho, ela quando contrariada torna-se violenta e os homens voltam a barbárie.

O que se disse até o momento, propõe pensar o tamanho do desafio que a sociedade enfrenta na atualidade; nessa mesma sociedade o professor se reinventa, dele se pede muitas vezes que seja também artista, músico e até palhaço para atrair a atenção de seus alunos. Inegavelmente urge revermos as práticas educativas brasileiras, assim como as prioridades da área. A pseudoneutralidade também tem força, o mais difícil na prática de sala de aula é fornecer os elementos para o aluno pensar, desenvolver seu raciocínio de maneira que desperte a vontade de continuar a descobrir mais e mais, sobretudo sobre sua própria identidade historicamente construída.

Dias como os vividos sob o terror nos tempos inquisitoriais podem adquirir novos significados para quem conhece essa história a postura vigilante impede a abertura de espaço para repetição de atitudes e comportamentos tão danosos a sobrevivência humana.

Nas palavras de Katiusce Santos<sup>6</sup> é possível entender que a máquina inquisitorial perseguia com voracidade os judeus, muçulmanos, cristãos- novos, ciganos, mulheres e negros, principalmente na Península Ibérica a partir do século XV e posteriormente no “Novo Mundo”, o que, para Silvia Federici<sup>7</sup> se constituiria como “uma ferramenta para a subjugação das populações locais”. Essa ferramenta era usada na construção do pânico, do medo, do ódio e na confiscação de bens dos presos pela Inquisição, bens que eram repassados à Igreja e aos delatores. E mais, segundo Maria José Tavares<sup>8</sup>, o Santo Ofício desenvolveu toda uma técnica de psicologia de

---

<sup>4</sup> LE BON, 2008, p. 71.

<sup>5</sup> FREIRE, 2023.

<sup>6</sup> SANTOS, 2023.

<sup>7</sup> FEDERICI, 2017, p. 294.

<sup>8</sup> TAVARES, 1987, p. 180.

choque na população, já que “o medo, o temor, o castigo exemplar, seriam a face de todo este sistema [...] a fim de identificar o marginal e o dissidente”.

Pânico, medo e ódio, psicologia de choque, que iniciativas podem ser desenvolvidas para impedir que dias como aqueles sejam revividos no Brasil do século XXI?

A atividade docente após a descoberta das histórias sob os escombros do social muda rotas e traça novos caminhos. Novas histórias começam. Em 2014, o professor de Filosofia, Kassius Otoni propôs para Uberlândia-MG a criação da Lei 12.019, de 21 de novembro de 2014, segundo a qual foi instituído, no calendário oficial do município, o Dia da Declaração de Independência do Estado de Israel, a ser comemorado, anualmente, em 14 de maio.

Ainda do trabalho de Katiusce Santos nos foi possível extrair importantes dados como: Kassius, com o objetivo de levar ao conhecimento do maior número possível de estudantes da Educação Básica a presença dos judeus no processo de formação do Brasil, implementou em escolas públicas da cidade de Uberlândia, a partir de 2016, o Projeto “Dia de Honra a Israel”, que teve como tema inaugural a Inquisição no Brasil. Depois disso, temas ligados à presença judaica no território nacional e à relação entre Brasil e Israel passaram a ser trabalhados em projetos escolares, levando, assim, milhares de adolescentes, jovens, adultos e professores a terem, pela primeira vez, o contato com a influência judaica na história e literatura brasileiras. A Lei 1019 de 21 de novembro de 2014 instituiu no calendário oficial do município de Uberlândia o dia da declaração da independência de Israel a ser comemorado anualmente em 14 de maio.

Foi a partir desse ponto que nasceu o Projeto Dia de Honra a Israel, projeto iniciado com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Hortêncio Diniz em Uberlândia, Minas Gerais. Cerca de 580 alunos participaram ativamente do projeto.

### **Projeto “Dia de Honra a Israel”**

Em 2017 a Escola Estadual Hortêncio Diniz e a Escola Estadual Messias Pedreiro se uniram no projeto “Dia de Honra a Israel”. Nesse ano aproximadamente 1500 alunos nas duas instituições, que tiveram contato com o projeto. Com tema “Inquisição Antissemita no Brasil Colonial”, o trabalho foi desenvolvido por meio de

aulas, palestras e produção de trabalhos escritos e criação de poesias.

No ano de 2018 o projeto Dia de Honra a Israel com tema: “Tecnologias Israelenses”, levou ao conhecimento a importância de Israel e suas tecnologias no cotidiano do povo brasileiro. Tecnologias, como por exemplo waze, pendrive, drones, tomate cereja, depilador elétrico, dentre outras que formam parte do cotidiano de milhares de indivíduos, os quais desconhecem suas origens. Da agricultura a medicina, ou seja da alimentação a saúde.

As ações promovidas pelo Projeto destaca-se por importantes iniciativas na promoção do diálogo entre escola e sociedade, aproximando História e vida cotidiana quando comprova a forte presença de descendentes dos judeus forçados da Inquisição, milhares de brasileiros desconhecem de sua ancestralidade. Quais os riscos do ocultamento dessas informações em tempos marcados pela intolerância religiosa ou preconceito étnico? Quanto aos alunos que participaram em algum momento do Projeto, terem apreendido ferramentas de combate ao antissemitismo? Ainda não há como responder tais perguntas, contudo, seguramente os alunos contemplados com esses saberes e conhecimentos carregam em sua bagagem cultural importantes ferramentas de diálogo.

Importa dizer que o interesse pelas origens étnicas do brasileiro naquela década se manifestou também em Fortaleza- Ceará (2015 e 2016). Em meio a uma aula onde se articulava Expansão Marítima e Comercial com ocupação e colonização do Brasil, alguns questionamentos surgiram deixando todos em estado de alerta. “O que movia esses portugueses para virem para o Brasil em uma época que a Europa era muito mais desenvolvida que o Brasil? Será que só os altos lucros justificavam riscos tão grandes tanto de viagem quanto de sobrevivência em uma terra onde se praticava antropofagia? Não seria interessante estudar como estava a sociedade portuguesa naquela época? Descobrir as dificuldades e os desafios daquela gente foi algo que motivou o grupo a buscar fora do livro didático as respostas para tais curiosidades. Interrogações coletivas, pesquisas iniciadas na internet, com o próprio celular. Muito rapidamente a doutora Anita Novinsky e o texto “A conspiração do silêncio” foram lidos, em seguida o livro “Os judeus que construíram o Brasil” virou paradidático dos alunos do Primeiro Ano do Ensino Médio. Parar aquele trem da história se tornou algo impensável, a história da colonização brasileira ganhou significado que as páginas do livro didático não apresentavam.

Seguindo a linha de raciocínio pensada no decurso da aula, propomos refletir sobre as práticas escolares a partir das aulas de história e seu papel na valorização dos grupos étnicos formadores da sociedade brasileira.

### **O Colégio Militar de Fortaleza e o Brasil das três raças**

No Colégio Militar de Fortaleza há uma antiga tradição de valorização de desenhos, poesias, contos e textos produzidos pelos alunos, material condensado em Revistas Escolares desde o tempo do Colégio Militar do Ceará (1919-1939) e Clubes literários em parceria com a sociedade que financiava as publicações e nelas fazia os anúncios de suas casas comerciais, outra iniciativa é a publicação anual de uma Antologia, textos dos alunos sob a orientação dos professores de língua portuguesa. O que se pretende com esse relato é demonstrar a abertura existente no sistema para que os alunos organizassem uma exposição cultural com objetivo de apresentar os resultados de suas pesquisas realizadas a partir dos questionamentos e debates das aulas de História.

O Brasil das três raças ganhou uma nova leitura e a resignificação de cada elemento em seu contexto original. As interpretações dos textos lidos revelaram uma colonização marcada pela violência, pelas disputas de poder nos domínios do reino, o colonizador apareceu em boa parte como cristão-novo, um elemento novo no estrato social português, elemento forçado a conversão para manter sua integridade física e de seus familiares, a integridade moral estava em constante suspeita, suspeita religiosa extravasada no âmbito político e social. O indígena não era preguiçoso, apenas sua visão de mundo, sua cultura, seu modo de viver não eram os mesmos do sistema mercantilista e o africano não era malandro, era alegre e feliz apesar de toda dor e sofrimento que lhe foi imposto. Histórias ocultadas das páginas do livro didático ou contada com reservas.

O aluno Zeno Maia captou com surpreendente maestria o orgulho de cada elemento, seus traços e características, inclusive com um detalhe do judeu ortodoxo que só recentemente percebi, o *peiot*, cachos que os judeus usam, símbolo da guarda dos mandamentos e de identidade. Para mostrar o material produzido pelo aluno e a referência ao seu nome tivemos as devidas autorizações no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

**Figura 1: Desenho de Zeno Maia representando as etnias formadoras do povo brasileiro.**



Fonte: acervo do autor.

No âmbito da história muito se tem produzido sobre a Inquisição, seus mecanismos de atuação, alcance de seus tentáculos e diásporas decorrentes desse fatídico quadro. A multiplicação dos trabalhos sobre a Inquisição e o antissemitismo enquanto fenômeno social possibilita a sensibilização e novos debates sobre a intolerância dos homens entrincheirados em suas meias verdades, entendemos ser momento para repensar sobre verdades dogmatizadas, Andrade<sup>9</sup> escrevendo uma poesia intitulada “Verdade”, diz “Assim não era possível atingir toda a verdade, por que a meia pessoa que entrava si trazia o perfil de meia verdade. E sua segunda metade voltava igualmente com meio perfil. E os dois meios perfis não coincidiam.”

De fato, ainda que não haja uma verdade única, as verdades precisam ser ditas, ouvidas, investigadas e analisadas. Esse processo tem sido perseguido pelas universidades brasileiras no tocante a Inquisição suas formas de atuar, interesses envolvidos e efeitos produzidos.

Inegável é o grande número de brasileiros com passaporte português com base na lei 30-A<sup>10</sup>, por descendência comprovada dos cristãos-novos, judeus forçados a

<sup>9</sup> ANDRADE, 2002.

<sup>10</sup> PORTUGAL, 2015.

conversão, e outros molhães aguardam a finalização de seus processos. As vertentes podem divergir, algumas pesquisas ligadas a genealogia, outras de caráter econômico ou social ou ainda comunidades cujos costumes aparentemente resistem ao tempo sem perder totalmente os vínculos com a religião e língua originária de seus antepassados e ainda pessoas buscando nas orações recitadas as palavras em hebraico, como forma de identificação e resgate cultural aparecem como objeto de estudo.

Para uma melhor compreensão do que aqui se propõe, é conveniente rever alguns aspectos do processo de centralização política dos Estados de Portugal e Espanha, realizadas sob a bandeira da religião católica.

O conceito de identidade construído nesse contexto é de identidade religiosa, católica, não havendo espaço para o não praticante dessa religiosidade, justificando rever aquelas páginas da história buscando melhor compreensão dos interesses envolvidos nos conflitos ocorridos na Península Ibérica e seus desdobramentos no Brasil.

Utilizaremos o pensamento de Carcel<sup>11</sup> quando “*En La Inquisición*” diz que

Este libro pretende superar lo que ha sido una constante entre la mayoría de los historiadores: la fijación por juzgar o valorar la significación del influencia negativa de su larga presencia en nuestro país.

Não que estudar aspectos como técnica processual, influência, abusos da Inquisição, entre outros, não sejam válidos, na verdade o são.

Observemos o que diz Muñoz<sup>12</sup> a respeito do papel da história:

[...] la historia es, como la poesía, un arma cargada de futuro, que su fin no es defender y conservar el orden establecido, sino agitarlo y hacerlo evolucionar, que no sirve para ampliar el repertorio de mitos heredados del pasado, sino para destriparlos y evitar que se creen otros y que tampoco es un pasatiempo para entretener y dar satisfacción a afanes culturales de fin de semana.

Quais são as reais aproximações e distanciamentos entre a história e a antropologia no projeto de resgate da memória do passado do povo judeu em fins do século XV na Península Ibérica e no Brasil contemporâneo? A história se apresenta como arma poderosa capaz de atemorizar muitos, a depender de quem a escreve e

---

<sup>11</sup> CARCEL, 1990, p. 4.

<sup>12</sup> MUÑOZ, 2010, p. 8.



como o faz, os danos para a humanidade podem assemelhar-se ao de uma guerra, as construções danosas decorrentes dessa escrita por vezes demandam muito trabalho e tempo para serem revertidos.

A história, enquanto processo não para, não pode parar, suas páginas precisam ser revisitadas, elas nos ensinam a pensar criticamente e quando assim ocorre, aprendemos a construir o futuro buscando evitar os fracassos do passado, evitando emitir julgamentos sem base histórica sobre o outro ou assumir posições equivocadas, preconceituosas, responsáveis por atos e comportamentos antisemitas, o que aliás, no Brasil tem se tornado perigosamente comum, por falta da valorização do estudo da história.

A memória, por conservar certas informações, contribui para que o passado não seja totalmente esquecido, pois ele acaba por capacitar o homem a atualizar impressões ou informações passadas, fazendo com que a história se eternize na consciência humana. O passado só permanece “vivo” através de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o indivíduo passa a compartilhar suas experiências, tornando com isso a memória “viva”.<sup>13</sup>

Um dos textos mais antigos que conheço sobre a Memória como ferramenta histórica é o Shemá Israel<sup>14</sup> (Deuteronômio 6.4), a ele nos reportaremos mais adiante; nele encontramos todo um processo, escutar, lembrar, guardar e ensinar, quatro fases do resgate e preservação da história a partir do uso das informações contidas na Memória, assim, como disse Le Goff<sup>15</sup>, a história se eterniza na memória humana, o passado permanece vivo, é revivido e compartilhado, impressões do passado são atualizadas evitando repetir no tempo presente comportamentos destrutivos do passado. Estamos vivendo dias em que necessitamos criar estratégias para construção de uma cultura de paz, cultura de paz não existe sem autoconhecimento e empatia, sem o mergulho na própria história.

Creemos na necessidade da construção de pontes que permitam a quebra do desconhecimento das aproximações culturais entre os países ibéricos e o Brasil no tocante aos valores, costumes e tradições transferidos para terras brasileiras pela minoria perseguida pela inquisição espanhola e portuguesa e se desenvolva cultura

---

<sup>13</sup> LE GOFF, 1982, p. 15.

<sup>14</sup> MELAMED, 2001, p. 524.

<sup>15</sup> LE GOFF, 1982.

de ódio. Preocupa-nos as construções imagéticas que obstruem o olhar para o outro sem ver a si mesmo, os brasis de Darcy Ribeiro<sup>16</sup> são os brasis de todos nós, no Brasil, não há branco, preto ou amarelo, há um povo com constituição genética e cultural de inigualável riqueza cultural, apesar da imperfeição humana de cada elemento constitutivo dessa diversidade.

A fotografia abaixo demonstra quão interessante e útil pode e deve ser a prática educativa como espaço para a pesquisa e exposição de trabalhos desenvolvidos e no âmbito escolar.

**Figura 2: Exposição sobre a formação étnico cultural do povo brasileiro (2016) - Salão Nobre do CMF.**



Fonte: acervo do autor.

Interessante observar a perspectiva do autor ao retratar a criança com deficiência visual, totalmente envolta e acolhida pela mãe. Quando perguntado sobre a razão de ter retratado a criança com deficiência visual o autor respondeu que era sua intenção chamar atenção para a atitude que a sociedade assume com o deficiente.

A escola desempenha papel essencial como instrumento facilitador do debate, ao abrir espaço para a produção artístico literária embasada na pesquisa histórica, o

---

<sup>16</sup> RIBEIRO, 1995.

Sistema Colégio Militar do Brasil na foto representado pelo Colégio Militar de Fortaleza, favoreceu a construção do conhecimento sobre a formação étnico cultural do povo brasileiro em perspectiva para além do livro didático e dos particularismos religiosos ao mesmo tempo em que possibilitou o despertar dos diversos segmentos da comunidade escolar busca de suas origens.

Canclini<sup>17</sup> sinaliza que “é preciso reintroduzir a questão dos usos modernos e pós-modernos da história”, ele assim o faz com os monumentos, nós o fazemos com a memória enraizada nos costumes e tradições, com a cultura. Dentro da simbologia de um povo, os ritos e construções simbólicas apagados do espaço de disputa territorialidade da religião dominante, aparentemente esquecidos, devidamente revistos pela história e pela antropologia revelam a força da tradição. A mesma tradição que despontou nas pesquisas realizadas pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio, inclusive com aplicação de questionários em âmbito familiar.

**Figura 3: Levantamento bibliográfico realizado por alunos do Ensino Médio.**



Fonte: Acervo do autor.

A mesma força da tradição guardada na lembrança do colega de trabalho, o Pernambucano capitão Aureliano relatando que em sua cidade natal havia um caixão

---

<sup>17</sup> CANCLINI, 2013, p. 291.

comunitário disponível no cemitério, poderia ser usado por qualquer família da comunidade, mas o hábito de enterrar os mortos envoltos em lençóis era tão forte que o caixão não tinha serventia.

A memória compartilhada deixa de ser uma experiência individualizada alçando o nível de objeto de investigação: que costume era esse de enterrar seus mortos em lençol? Qual a origem desse costume?

O saber local mesclado com saber formal produz o conhecimento gerador do orgulho de se identificar com outros homens do passado cuja imortalidade está na continuidade de seus costumes e tradições, ainda que eles sofram adaptações, mas sua permanência no mundo dos vivos por meio da tradição ensinada. Voltemos, como dito anteriormente, ao que se vê em Deuteronômio capítulo 6, versículos 4 ao 7:

Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um! E amarás o Eterno, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas posses. E estarão estas palavras que eu te ordeno hoje no teu coração, e as inculcarás a teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando no caminho, ao deitar-te e ao levantar-te.<sup>18</sup>

Os verbos utilizados visam a formação de um todo ligado ao ato de lembrar. Categoricamente traçam as regras, escuta, ouve Israel, mas não basta ouvir é necessário guardar no coração, internalizar, a partir daí a naturalidade da prática se materializará na verbalização linguística [fala] e atitudinal [ação], *falarás*; fala sentado, andando, ao deitar-se e ao levantar-se, fala para quem? Para os filhos, o falar para os filhos torna possível o ato de inculcar nos filhos. Será este um ato meramente religioso? O mandamento ganha maior força através de seus símbolos: e as atarás como sinal na tua mão, e serão por filactérios [*teflin*]<sup>19</sup> entre os teus olhos, e as escreverás nos umbrais [*mezuzót*]<sup>20</sup> de tua casa e nas tuas portas... Quando te perguntar teu filho *amanhã* dizendo: *Que significam os testemunhos, os estatutos e os juízos que o Eterno, nosso Deus vos ordenou?*<sup>21</sup>

<sup>18</sup> MELAMED, 2001, p. 524.

<sup>19</sup> Par de caixinhas de couro presas a tiras de couro casher contendo os quatro textos da Torá em que está fundamentado seu uso.

<sup>20</sup> Plural de mezuzá, memorial ordenado na torá, símbolo de proteção que deve ser afixado no umbral direito da s portas, seu interior contém o texto de deuteronômio 6:4.

<sup>21</sup> MELAMED, 2001, marcações nossa.

Tais ritos, costumes e tradições presentes no cotidiano da comunidade portuguesa antes de se lançar as navegações transoceânicas adquiriram status de heresia e crime punível com a morte na fogueira em tempos de intolerância religiosa. Quanto da falta desse conhecimento pode ser prejudicial para a sociedade brasileira da atualidade? Para aqueles que buscam a genealogia com a finalidade de adquirir passaporte europeu em busca de um lugar menos violento do que o Brasil para viver?

Interessante notar que, seus perseguidores, sem saber, em suas ações para eliminá-los e extirpar da sociedade suas práticas “malditas”, promoveram a diáspora sefaradita para a América, especificamente no nordeste do Brasil, essas vítimas da intolerância ibérica deixaram seus traços de identidade cultural e religiosa pelos caminhos que percorreram fugindo das perseguições. Na bagagem da mente e da alma ainda estavam os ensinamentos do Sinai, os mesmos arraigados nos diversos âmbitos, privado e público da população brasileira.

**Figura 4: Acervo da autora: 2015. Exposição de trabalhos realizados pelos alunos do 1º ano do Ensino Médio.**



Fonte: Acervo do autor.

Benedict<sup>22</sup> afirma: “O que realmente une os homens é a sua cultura, as ideias e normas que eles têm em comum, os costumes e tradições”. Nessa trilha de raciocínio, lembramos Le Goff<sup>23</sup>, falando sobre memória, esclarece que ela impede o esquecimento do passado ao mesmo tempo que capacita o indivíduo a atualizar impressões ou informações passadas.

Nossa intenção nesse trabalho não é de caráter religioso, contudo, reconhecemos a total impossibilidade de tratar de traços de identidade do judeu sefardita e seus descendentes no Brasil, travestido de cristão novo sem cruzar os caminhos da fé e da religião. O espaço escolar precisa ser aproveitado como espaço de investigação, reflexão e compartilhamento de saberes a fim de prosseguir em direção em busca do conhecimento transformador de vidas e sociedades. As particularidades dos tempos e dos homens.

Geovanni G. Bandeira (2015- aluno do CMF) em poesia escrita para exposição realizada no Salão Nobre do colégio, a qual já nos referimos anteriormente, assim tratou o branco na formação do povo brasileiro:

Já fui branco, português,  
Navegante a mando de reis,  
Já fui Cabral, descobridor  
Fui Dom Pedro, Imperador ...

Já fui marrano, cristão-novo,  
Já ocultei costumes do povo,  
Já me escondi da inquisição,  
Para manter minha tradição ...

Já fui europeu longe de casa,  
Já deixei terra, mulher que amava  
Já aprendi a essa terra amar,  
Fazendo dela meu novo lar.

O novo lar do branco europeu que deixou sua terra e aprendeu a amar o Brasil, pode também ser o novo lar do marrano cristão-novo que se escondeu da inquisição para manter sua tradição. Estaria neste gargalo a resposta para a pergunta inicial: Quem era o europeu que deixou sua terra, sua zona de civilidade para embrenhar-se nas matas do Brasil?

---

<sup>22</sup> BENEDICT, 2013, p. 22.

<sup>23</sup> LE GOFF, 1992.

Partindo da identificação de um delicado tecido de costumes e tradições sefaraditas presentes na memória brasileira, “naturais”, “de família”, “próprios dos nordestinos”, costurados com a invisibilidade do preconceito, intolerância e antissemitismo, consideramos a possibilidade de estudar um nordeste diferente formado por homens e mulheres que mantêm em seu cotidiano costumes de origem judaica mas não o sabem, homens e mulheres que conservam práticas religiosas de origem judaica, entendendo que estão dando continuidade aos costumes de família e alguns outros que buscam reparação através da cidadania espanhola ou portuguesa, há também aqueles para quem a cidadania em nada importa, visto que se reconhecem descendentes dos judeus perseguidos pela inquisição ibérica, conservam suas tradições e isso lhes basta.

La historia es acumulativa y esencialmente inmutable; nada podemos hacer por cambiar lo sucedido, ni es factible borrar aquello que hoy no parece oportuno o nos incomoda, pero también, como la vida para García Márquez, la historia no es sólo lo que ocurrió, sino lo que se recuerda y cómo se recuerda. Los sucesos del tiempo pasado, aunque no alterarse ni eliminarse, sí pueden rememorarse y analizarse de diferentes maneras y con diferentes objetivos; por eso cada generación evoca y celebra unos acontecimientos y olvida otros. Junto a la inmutabilidad de lo que fue convive la variedad de interpretaciones y la iluminación o sombreado de figuras y hechos. Es el juego apasionante entre el pasado y el presente, la historia como experiencia y la historia como esperanza.<sup>24</sup>

É indiscutível o fato de a história ter usos diversos, a depender de “para quem” e “para quem” se escreve a história, contudo a maneira como vemos determina a escrita. Não podemos apagar o passado, mas podemos aprender com ele de maneira que ele não nos aprisione nos impedindo de continuar buscando um mundo mais harmônico, naquilo que temos de mais nobre no humano. A história não pode ser mudada, mas como a recordamos pode mudar nosso futuro.

A *guerra* e a *fé* constituem as bases da sociedade medieval, sendo a os pilares da formação dos estados centralizados, Portugal e Espanha dos Tempos Modernos, mas pela unidade foi pago um alto preço, assim, o recordar, como recordar, quem recorda e para que, deveria contemplar um exercício de imparcialidade, na sua mais

---

<sup>24</sup> MUÑOZ, 2010, p. 5.

plena impossibilidade, que seja possível alimentar o desejo de nos conhecermos e nos reconhecemos agentes de transformação da história.

### **O desvelar de culturas inviabilizadas**

Embora, o mote deste trabalho não seja analisar os processos históricos ou o espírito guerreiro das cruzadas medievais, ou ainda a unidade religiosa e política de Portugal e Espanha, reconhecemos a importância de entender a construção da imagem do outro como inimigo da fé verdadeira, justificando a guerra santa e justa na eliminação daquele que professa fé diferente. Ainda que o inimigo da fé verdadeira vivesse na região desde o século II, ou seja, não era um elemento novo na composição demográfica do mundo ibérico, apenas as relações de força e poder tensionadas remodelaram a sociedade. Nela se encontra a justificativa para combater o inimigo da única fé salvadora, a coragem para matar ou morrer

A mesma “coragem”, ou “fé” que os levou a combater contra os infiéis durante a reconquista de Jerusalém moveu a sociedade na tentativa de erradicar o judeu, inimigo da fé cristã, debaixo do manto sagrado do clero, com a força do centro real é que foi possível metamorfosear o judeu em cristão, cristão novo, cognominado pejorativamente marrano.

Vejamos o relato de Montenegro<sup>25</sup> em estudo sobre os últimos tempos da presença judia em Calahorra e La Rioja.

Como sucede en el reino de Castilla en general, entre mediados del siglo XI y mediados del siglo XIV las comunidades judías riojanas conocieron una época de crecimiento y esplendor, al calor del favor y la protección que recibieron de los reyes, conscientes éstos del importante papel que los hebreos podían desarrollar en las tareas de repoblación y de organización social del territorio.

O autor esclarece a importância das comunidades judias riojanas e os benefícios por elas adquiridos para em seguida, analisar o clima de tensão crescente nas relações entre cristãos e judeus nas localidades de La Rioja desde meados do século XV.

A importância socioeconômica e cultural de árabes e judeus no processo de construção do conceito de identidade religiosa do europeu português e espanhol, bem

---

<sup>25</sup> MONTENEGRO, 2005, p. 62.



como, a posterior perseguição, e exclusão deles, constitui condição *sine qua non* para a entendermos as particularidades do pensamento inquisitorial. Hall explicando as particularidades que definem a identidade de cada grupo afirma:

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças, nesse caso entre grupos étnicos, são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e momentos particulares (...). Nesse sentido, a emergência dessas diferentes identidades é histórica; ela está localizada em um ponto específico no tempo. Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos.<sup>26</sup>

O que há de especial nesses processos? Seria a remodelagem geopolítica responsável pela construção de uma identidade nacional fundamentada no conflito religioso? Os longos processos representados na sequência de mapas respingariam fora do espaço geográfico em ocorreram? Respondendo o questionário que aplicamos em nosso trabalho de campo, Artur Saraiva de Queiroz, assim responde o item sobre ter buscado a origem de sua família.

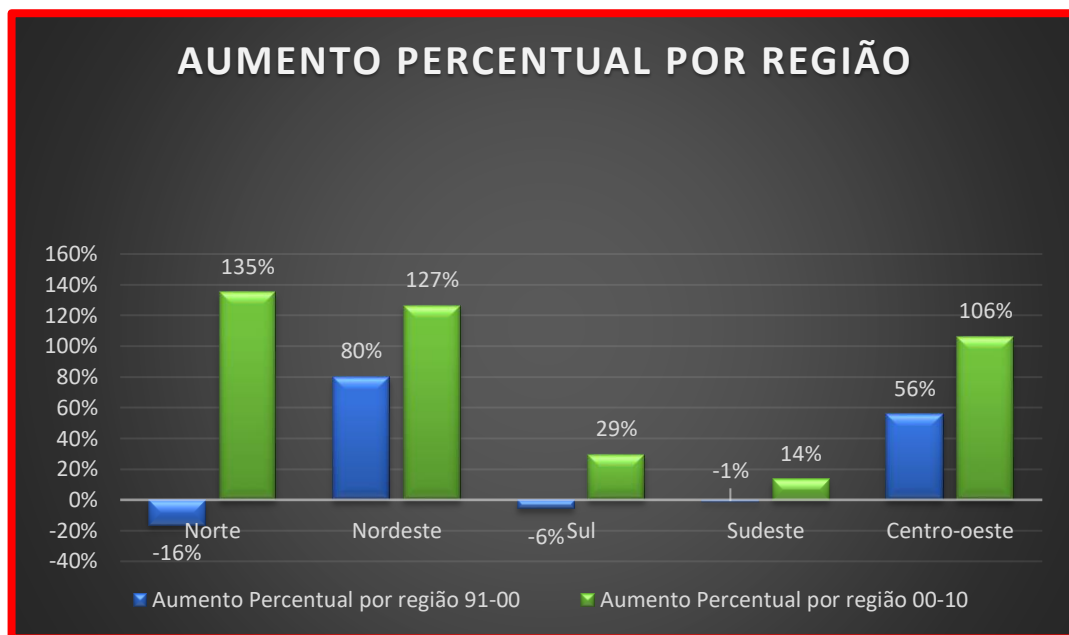
Não busquei. Descobri por acaso pois comentei com meu pai que a nossa região é marcada pela presença de descendentes de judeus, inclusive com forte influência na culinária local que não existe em nenhum outro local de Nordeste (a culinária da região do Seridó é única). Nisso, meu pai relatou que éramos descendentes de judeus sefaraditas que me deu um livro da nossa família que descreve a árvore genealógica.

A redescoberta desse passado é parte do elemento do mosaico representativo da construção da identidade étnica e cultural brasileira, influenciada pela diáspora sefaradita. O que se torna cada vez mais evidente é a descoberta da ascendência judaica da população brasileira. Em breve consulta aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) descobrimos um crescimento de 47% de pessoas que se declaram praticantes da religião judaica ou israelita no Nordeste brasileiro, dado ratificador da afirmativa que aqui fazemos a respeito do crescimento de pesquisas sobre os cristãos novos no Nordeste, o conhecimento associado ao orgulho de suas origens.

---

<sup>26</sup> WOODWARD, 2014, p. 11.

**Figura 5: Gráfico do aumento percentual de praticantes do judaísmo por região segundo IBGE (Período de 1991 a 2010).**



Fonte: Elaboração própria.

Nosso interesse, parte dos acontecimentos ocorridos nos séculos XIV e XV, primeiramente em Espanha e posteriormente em Portugal, criando-se assim a triangulação Espanha, Portugal, Brasil. Se houve intencionalidade na abertura desse caminho, não podemos afirmar, mas podemos estranhar a seguinte narrativa encontrada na transcrição da Carta de Colombo citada na obra “O legado do rabino Abraham Senior”<sup>27</sup>:

Navegamos durante todo o mês de setembro, marcando os dias sagrados de Rosh Hashaná<sup>28</sup> entre nós. Na véspera de Iom Kipur<sup>29</sup>, que aconteceu num domingo à noite naquele ano, avistamos um panorama magnífico, coberto de folhagens abundantes, um bando de areia flutuando no meio do oceano. Foi a última vez que vimos terra; vimos, olhando para trás, um pedaço das ilhas Canárias. O oceano estava calmo. Ao anoitecer, vesti o meu talit<sup>30</sup>, subi no convés e cantei o “Kol Nidrei”<sup>31</sup>. Vozes da Pinta e da Niña ecoaram pelas águas e se

<sup>27</sup> LIMA, 2008, p. 17, tradução nossa.

<sup>28</sup> Rosh Hashaná, em hebraico ראש השנה significa literalmente Cabeça do ano sendo assim o "Ano Novo judaico" e ocorre no primeiro dia do primeiro mês do calendário judaico.

<sup>29</sup> Iom Kipur é o Dia do Perdão, sendo uma das datas mais importantes do judaísmo.

<sup>30</sup> Talit ou טלית, em hebraico, é um acessório religioso judaico em forma de um xale feito de seda, lã ou linho. Ele é usado como uma cobertura na hora das orações judaicas.

<sup>31</sup> Kol Nidrei, em aramaico כל נדרי significa todos os votos e é uma declaração judaica recitada nas sinagogas no início do serviço noturno de Yom Kipur.

uniram à minha, na oração. Parecia que as ondas respondiam ritmicamente ao som das nossas vozes. Quando acabei o “Kol Nidrei”, Colombo me chamou.

Que vocabulário esses homens usavam? Alguns autores relacionam a viagem de Colombo, cuja saída ocorreu exatamente na data da expulsão dos judeus da Espanha, com um projeto judaico de encontrar uma terra onde fosse possível viver fora do olhar da inquisição. Parece-nos prudente ater-nos os fatos, todavia os elementos simbólicos descritos no documento inegavelmente são judaicos.

Muitas são as linhas de debates relativas à identidade dos cristãos novos, quando identificamos rastros da cultura sefaradita no Nordeste do Brasil, seus costumes e tradições passados de geração para geração, nos aportamos em Benedict<sup>32</sup> e Cascudo<sup>33</sup> para melhor analisarmos a permanência desses agentes na cultura do nordestino.

De início, nos chama a atenção o relato de Artur Saraiva: Na família da minha avó paterna, principalmente, não se come carne malpassada ou que tenha presença de sangue, nem porco... também existe um costume que é constante casamento entre primos na minha família (minha árvore genealógica por exemplo é bem confusa pois sempre envolve as mesmas pessoas praticamente).

Ainda que haja controvérsias sobre o assunto, é inegável a origem de tais práticas, que de tão naturais não necessitam de explicação, tal como em seu ambiente original também o eram, até começarem as perseguições promovidas pela inquisição.

La Inquisición española es, sin, duda, el tema de la historia d España que más páginas há generado entre historiadores, literatos y ensayistas, todos ellos obsesionados por explicar como dicho tribunal creado a fines del siglo XV há podido mantenerse hasta bien entrado el ciclo XX.<sup>34</sup>

A atuação do Tribunal da Inquisição encontrou amparo na Coroa, Green<sup>35</sup> relata as festividades preparadas na cidade de Évora, distante apenas 60 km da fronteira com a Espanha, para celebrar o casamento real de Afonso com a princesa espanhola Isabel apresenta a chegada da princesa a Évora no dia 27 de novembro de 1490

---

<sup>32</sup> BENEDICT, 2013.

<sup>33</sup> CASCUDO, 1967.

<sup>34</sup> CARCEL, 1990, p. 4.

<sup>35</sup> GREEN, 2011.

Segue afirmando que:

O ambiente festivo com baile de máscaras, farsas encenadas pelos judeus e muçulmanos segundo as tradições da corte da época foi substituído pela procissão e a preparação dos grandes teatros de auto de fé. Em Portugal, exatamente nove anos depois do estabelecimento da Inquisição em Portugal, a mesma comunidade que havia festejado o matrimônio de Afonso com Isabel assistiu no dia 19 de janeiro de 1545, o promotor do Santo Ofício da Inquisição em Évora apresentar as provas contra o mercador Álvaro de Leão e sua esposa Lianor de Carvajal, fugitivos da inquisição espanhola estabelecidos em Portugal.<sup>36</sup>

Vejamos o caso apresentado por Green<sup>37</sup>, “O acusado: Álvaro de Leão, 30 anos, vivia nas colinas desertas entre Mogadouro e o povoado de Cortiços. Todas essas informações nos fazem pensar qual seria a natureza da acusação que pesava sobre os ombros de Álvaro Leão”.

Segundo o autor, o teor da acusação foi:

[...] foi visto a praticar a lei de Moisés e suas cerimônias, obedecendo aos jejuns judaicos, sem se alimentar até que as estrelas aparecessem, e dando esmolas aos convertidos em uma espécie de sinagoga, como tzedakah<sup>38</sup>. Álvaro de leão, orava como um judeu. Reunia-se com outros convertidos em uma espécie de sinagoga, obedecia ao sabá<sup>39</sup> judaico, acendia velas às sextas-feiras e recusava-se a trabalhar aos sábados. Leão e a esposa, Lianor de Carvajal, suspeitos de serem judaizante.<sup>40</sup>

Aqui as tradições de família denunciando as origens, se verdadeiros os argumentos apresentados não sabemos, mas sabemos que o orar como judeu ainda é um costume do Sr. Inácio Amaral de Lima, morador da cidade de Riachão do Bacamarte – PB. Sua filha Lídia nos relatou que sua aproximação com as tradições do judaísmo causou estranheza aos familiares e em meio a uma conversa sobre o assunto com seu pai, ela lhe perguntou quem havia lhe ensinado a orar com o lençol sobre a cabeça? Ao que respondeu ser tradição familiar orar com a cabeça coberta, era um ato respeitoso, religioso. O ato respeitoso presente na família do Sr. Amaral

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 71.

<sup>37</sup> Ibid., p. 71.

<sup>38</sup> Palavra em hebraico que significa justiça. É a obrigação que todo judeu tem de doar algo de si, quantificado em no mínimo 10% dos ganhos, ao necessitado judeu ou filho de Noé.

<sup>39</sup> Sabá ou Shabat é o sábado, dia de descanso do judaísmo e o sétimo dia da semana.

<sup>40</sup> Ibid., p. 71.

de Lima era de origem desconhecida para ele, mas não o era para os inquisidores pois fazia parte dos ritos dos judaizantes.

Voltando à discussão que permeia a relação entre os judeus sefaraditas com os judeus nordestinos, encontramos as tradições do passado distante mais de cinco séculos e o presente de um homem de um município localizado na Região Metropolitana de Itabaiana, distante cerca de 101 km de João Pessoa, capital da Paraíba, que de acordo com os dados do IBGE, contava em 2011 com uma população estimada em 4.312 habitantes, distribuídos em 38 km<sup>2</sup> de área, nos leva a refletir sobre todos esses processos envolvendo os costumes de família.

Muitos são os casos de famílias brasileiras, prováveis refugiadas da Espanha em Portugal que posteriormente buscaram abrigo no Brasil para fugir da atmosfera religiosa de Portugal que tornou insuportável a vida de milhares de pessoas, muitas das quais, obrigadas a conversão para salvar suas vidas.

As multiformes estratégias de sobrevivência e lições do passado fomentam as discussões sobre a experiência da dúvida e da incerteza dos homens e suas ideias compactadas.

Hoy nadie puede dudar de la influencia negativa de su larga presencia em nuestro país... Pero la historia nada avanza con la repetición de los tópicos sobre las perversidades de la inquisición. La función de los historiadores es, a nuestro juicio, despojar a la historia de toda leyenda; se trata, pues, de poner en evidencia las razones y sinrazones del sistema inquisitorial, desmenuzar su técnica procesal, analizar su proyección social, ejercer de espectadores y no de inquisidores, en definitiva, mostrar la historia para no repetir lo malo de la misma.<sup>41</sup>

Qual a função da Antropologia e dos antropólogos no contexto das temáticas aqui apresentadas?

As influências da comunidade judaica brasileira vêm sendo reconstruída aos poucos, o silêncio quebrado pede as possíveis explicações, talvez pelo fato de que, durante muito tempo, as análises sobre a configuração da identidade étnica e cultural brasileira tiveram como base o estudo sobre mito das três raças fundadoras: o negro, o índio e o branco europeu”.

De acordo com Benedict<sup>42</sup>, “o estudo dos costumes só pode ser útil quando certas proposições preliminares são aceitas. Em primeiro lugar, seja qual for o estudo

---

<sup>41</sup> CARCEL, 1990, p. 4.

<sup>42</sup> BENEDICT, 2013, p. 13.

científico de que se trate, é preciso que não se dê preferência a nenhum dos aspectos que a pesquisa se propõe a abordar”, ao que acrescenta: o método de estudo necessário consiste em agrupar o material pertinente e atentar para todas as possíveis variações de formas e condições”. No estudo dos costumes há que se ter maior atenção a essas possíveis variações e condições. Os visíveis relatos de práticas judaicas no interior do nordeste brasileiro são ecos de uma cultura silenciada.

Solla em “Judeos conversos burgaleses a fines de la Edad Media” afirma:

*La comunidad judía de Burgos ha sido y sigue siendo paradigma de la vitalidad y fuerza creativa de la que gozó el judaísmo castellano durante la plena Edad Media. Sobre essa mesma comunidade, é consenso afirmar que em 1492 já não haviam judeus em Burgos, fato que nos leva a estranhar, ainda que tenhamos alguns episódios para justificar tal assertiva. “Desde mi punto de vista, daba la impresión de que, al igual que ocurre a finales del s. XV con la población judía, la presencia de los judeoconversos burgaleses parecía diluirse poco a poco; en especial, los documentos históricos apenas aportan datos sobre la generación conversa de 1492. Y no deja de percibirse como algo extraño, sobre todo si se tiene en cuenta la creencia aceptada, y tal vez poco matizada, de que por esas fechas y al igual que ocurrió en movimientos confesionales anteriores, en Burgos la mayoría de judíos pasó a engrosar las filas de neófitos al cristianismo. Resulta, por lo tanto, lícito preguntarse por qué se ignora tanto sobre este último período del judaísmo burgalés, qué pudo favorecer la ausencia de un verdadero problema converso en la ciudad y, sobre todo, cuál pudo ser la dimensión histórica de estos conversos y de sus descendientes, de los que, en tantas ocasiones, no conocemos apenas nada más que sus nombres. Desde esta perspectiva, me propongo reflexionar brevemente sobre las posibles causas que han contribuido a conformar esta silenciosa presencia de una parte importante de la población judeoconversa en la ciudad de Burgos a finales del s. XV.<sup>43</sup>*

Na próspera comunidade em evidência, as conversões para escapar das perseguições foram muitas e rápidas, Solla se propõe refletir sobre a silenciosa presença dos judeus conversos de Burgos, sua proposta nos lembra as pesquisas brasileiras que estão revelando a identidade sefaradita do nordestino. Identificamos as seguintes similaridades entre o que aconteceu na região de Burgos com o que acontece no nordeste do Brasil:

---

<sup>43</sup> SOLLA, 2009, p. 208.

1. Em Burgos, nega-se a existência de judeus em fins do século XV, o que de fato, na forma lei era impensável acontecer. No Brasil desenvolveu-se o que Novinsky chama de “cultura do silêncio”.
2. Em Burgos desenvolveu-se uma rede de negociações no sentido de esconder ou disfarçar a origem judaica. Apesar de maior liberdade religiosa, particularmente no Nordeste sob domínio holandês ocorreu a ocultação da identidade judaica, inclusive pela adoção de novos nomes com objetivo de esconder a ancestralidade judaica.
3. Observa-se na região, a chegada de tantas pessoas que a má fama exigiu medidas legais para evitar a chegada de mais pessoa, Burgos em determinado momento, de acordo com Solla, representou uma cidade refúgio. O Brasil representou para a Comunidade Sefardita a esperança de recomeço e liberdade, lugar de refúgio, mesmo que sendo necessário esconder a origem judaica e manter-se na prática do criptojudaísmo.
4. Em Burgos No Brasil, os nomes, ainda que mudados para esconder a origem da família, também são identificadores da ascendência judaica, todavia, os trabalhos acadêmicos têm desvelado os traços de cultura e o conhecimento das raízes judaicas, ao que associamos o fortalecimento do sentimento de pertencimento da identidade do judeu brasileiro.

### **Considerações finais**

É notório o crescente interesse histórico em pesquisas em torno dos judeus, cristãos novos ou marranos no Brasil, há, porém, um espaço a ser ocupado pela antropologia no tocante a investigação da identidade étnica e cultural brasileira e espanhola vinculada aos cristãos novos, assim como, acerca da descendência desse grupo que ainda resiste culturalmente, mantendo, muitas vezes sem o saber, traços da cultura sefardita.

Se considerarmos o conceito de cultura relacional em Woodward<sup>44</sup>, a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades, usando como exemplo a afirmação das identidades nacionais, poderíamos pensar que

---

<sup>44</sup> WOODWARD, 2014.

a coroa, a espada e a religião são emblemáticos símbolos marcadores da imposição de uma identidade em relação as outras.

As afirmações das identidades nacionais com seus sistemas de representação podem incluir e excluir e até modificar elementos na construção das identidades nacionais, assim, se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou é elaborado algum tabu relacionado a esse grupo, certamente os efeitos reais e materiais de tal marcação, produzirá vantagens para o segmento dominante, e desvantagens, para aquele que foi estigmatizado.

A construção da identidade nacional edificada sobre os conflitos presentes no baixo medievo produziu um reposicionamento da posição ocupada pelos sujeitos daquela sociedade, não só no que tange ao sistema de representação política como também na formação de imagens definidoras das identidades individuais e, a partir daí se dá também a reestruturação dos espaços ocupados por cada grupo ou elemento constitutivo daquilo que comumente identificamos como identidade nacional.

É mediante esse processo de construção da identidade central que ocorre também a mudança de foco capaz de transformar personagens anteriormente colaborativos no contexto social, em *personae non gratae*. Assim se dá a reconstrução representativa das identidades associadas com a figura do mal, ressignificando as relações que permeiam a sociedade.

Tais práticas de significação e ressignificação dos elementos constitutivos do mosaico que era o mundo ibérico nos séculos finais da Idade Média também envolvem as relações de poder definidoras das categorias de exclusão e inclusão social.

Assim, pensamos que a construção de uma cultura de paz tem suas bases fincadas no tripé diálogo, história e educação, esses três eixos apontam o caminho, necessário se faz valorizá-los, compreendendo seus papéis individuais e coletivos.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond. *Verdade (Poesia)*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2013.



CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

CARCEL, Ricardo Garcia. *La inquisición*. Madrid: Grupo Anaya S.A, 1990.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Mouros, Franceses e Judeus*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1967.

ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO. *Martin Niemöller*. “Primeiro eles vieram buscar os...”. Washington, 11 ago. 2023. Disponível em:

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/martin-niemoeller-first-they-came-for-the-socialists>. Acesso em: 08 maio 2024.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FREIRE, Diógenes Feitosa. Estudantes tentam impedir palestra de judeu em universidade federal. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 11 ago. 2023. Disponível em:

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/estudantes-tentam-impedir-palestra-de-judeu-em-universidade-federal/>. Acesso em 01 maio 2024.

GREEN, Toby. *Inquisição: O reinado do medo*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2011.

LE BON, Gustave. *Psicologia das Multidões*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

LE GOFF, Jacques. *História & Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 1982.

LIMA, Candido Pinheiro Koren de. *O Legado do Rabino Abraham Senior*. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2008.

MELAMED, Meir Matzliah (ORG.). *Torah: A Lei de Moisés*. São Paulo: Sêfer, 2001.

MONTENEGRO, Enrique Cantera. Los últimos tiempos de la presencia judía en Calahorra y La Rioja. *Kalakorikos*, [S. l.] n. 10, 2005. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1356220>. Acesso em: 01 maio 2024.

MUÑOZ, Ángel Sesma. *La Corona de Aragón en el centro de su historia. 1208-1458*. Zaragoza: Grupo de Investigación de Excelencia C.E.M.A, Universidad de Zaragoza,

2010. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=569894>. Acesso em: 02 maio 2024.

PORTUGAL. *Decreto-Lei n.º 30-A*, de 27 de fevereiro de 2015. Procede à segunda alteração ao Regulamento da Nacionalidade Portuguesa, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 237-A/2006, de 14 de dezembro, permitindo a concessão da nacionalidade portuguesa, por naturalização, a descendentes de judeus sefarditas. Diário da República n.º 41/2015, 2º Suplemento, Série I, 27 fev. 2015. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/30-a-2015-66619927>. Acesso em: 10 maio 2024.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.

SANTOS, Katiusce Aparecida Silva. *A feiticeira Maria de Freitas em A Estranha Nação de Rafael Mendes, de Moacyr Scliar*. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37674>. Acesso em: 05 maio 2024.

SILVA, Ana Paula Cavalcante Alencar da. *As armadilhas da memória: Uma análise antropológica dos traços de identidade dos judeus sefarditas no nordeste do Brasil*. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia De Iberoamérica) – Universidade de Salamanca, Salamanca, 2019.

SOLLA, Ricardo Muñoz. Judeoconversos burgaleses a fines de la Edad Media. *Espacio, Tiempo y Forma, Serie III, H.ª Medieval*, [S. l.] n. 22, 2009. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3209248&orden=253339&info=link>. Acesso em: 01 maio 2024.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. *Judaísmo e Inquisição*. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.